



Olgária Matos¹

***Theatrum Mundi*: filosofia e canção**

Para Celso, alegoria e alegria

Diz-se do Renascimento que sua filosofia encontra-se, preponderante, nas obras de arte. Assim Minardi², em suas preleções sobre Giotto: seus afrescos não representam sólidos, esferas e planos, traçados a régua e compasso. Sua geometria não esquadrinha o espaço, como a de Descartes – que reduz o mundo à sua figuração matemático-algébrica, à razão calculadora e à precisão.³ O traço de Giotto vem de Platão e do céu inteligível. Seu círculo perfeito não é “espírito geométrico” mas “espírito de geômetra”. Prepara ao “mais alto”, ao “mais elevado”. Traz em si “vestígios do invisível”. Também Giordano Bruno, atribuindo à literatura e à poesia função moral e social, associa o verdadeiro filósofo ao verdadeiro pintor: “os filósofos são de certo modo pintores e poetas; os poetas, pintores e filósofos; os pintores, filósofos e poetas; e os verdadeiros poetas, os verdadeiros pintores e os verdadeiros filósofos se admiram e se apreciam reciprocamente”⁴.

Também nas canções brasileiras encontra-se, com frequência, uma elaboração musical e literária enunciando uma filosofia moral. Esta se constituiu na tradição da “medicina da alma” e “consolo da filosofia”, pois ela se quer a ciência da vida feliz. Se é preciso pensar bem (filosofar), é para viver melhor:

¹ Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: olgaria.matos@unifesp.br.

² Cf. MINARDI, Tommaso. “Lição aos escolares: sobre a importância do estudo da geometria”. *Revista de História e Arqueologia*, Unicamp, vol. 1, 1994.

³ Cf. DESCARTES, René. *Regras para a Direção do Espírito e Meteoros*, entre outros.

⁴ BRUNO, Giordano. “*Explicatio triginta sigillorum*”, *Opera Magiche*, II-II. Milão: ed. Adelphi, 2000, p. 113.

nunca se adie o filosofar quando se é jovem – anotou Epicuro – nem se canse de fazê-lo quando se é velho, pois que ninguém é jamais pouco maduro nem demasiado maduro para conquistar a saúde da alma. E quem diz que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou assemelha-se ao que diz que ainda não chegou ou já passou a hora de ser feliz.⁵

A filosofia moral ensina a lidar com os prazeres e dissabores, pois se apenas o impulso bastasse para desfrutar de todos os deleites e fugir das dores, ela perderia sua razão de ser. A busca do prazer pode acarretar infelicidade; por isso foi preciso estabelecer a diferença entre “falsos prazeres” – os que não são nem naturais nem necessários e resultam em males maiores que os prazeres que produzem – e aqueles que promovem o bem-viver:

a sabedoria nos ensina que não podemos levar uma vida agradável se não levarmos uma vida razoável, bela e justa, e que uma tal vida, razoável, bela e justa, é inseparável do prazer. Pois virtudes e vida agradável enraízam-se no mesmo solo: não há vida virtuosa que não seja também agradável.⁶

Identificando prazeres e virtudes morais, os epicuristas buscavam ter prazer com a vida sem utilizá-la como um meio (como o fazem os cristãos, ao buscar a vida eterna; a ética protestante, com o ascetismo e o acúmulo de riqueza; a racionalidade instrumental com relação a fins, para conquistar um bom lugar na sociedade, no mundo secular).

A filosofia orienta os homens em meio ao emaranhado de enganos, prazeres equivocados e falsos juízos em que estamos enleados, no mundo e na vida. As aparências enganam, os ricos e poderosos não passam de atores que representam um rei em um palco de teatro. Terminado o espetáculo, retirados os trajes principescos, cada um volta a ser o que é na vida de todos os dias. Como escreveu Sêneca:

Nenhum desses homens que vocês vêem vestidos de púrpura é mais feliz do que possas considerar um daqueles a quem, em seu papel de ator trágico, foram dados no teatro o trono e o manto; primeiro aparecem diante do público altivos e presunçosos, realçados por seus

⁵ Cf. EPICURO. *Carta a Meneceu*. São Paulo: ed. Unesp, 2002.

⁶ EPICURO. *Carta a Meneceu*, parágrafo 132. O axioma do prazer entendido por Epicuro como integração da vida-bom com o prazer bem concebido, viria a ser rejeitado pelo estoicismo. Como escreve G. Lebrun: “Se Epicuro dizia a verdade, seria preciso concordar que o homem luxurioso que ultrajou minha mulher ou minha filha cometeu uma falta apenas ao calcular mal o seu prazer. Asserção intolerável para a ‘maioria silenciosa’ de qualquer época” (LEBRUN, G. “A neutralização do Prazer”. In: NOVAES, Adauto (org.) . *O Desejo*. São Paulo: Cia das Letras, 1999, p. 84.

coturnos, depois, mal desceram do palco, tiram os calçados e voltam a seu tamanho normal. Nenhum daqueles que a riqueza e os cargos de honra colocam no topo é um grande homem.⁷

Configura-se aqui, o tema estóico do “teatro do mundo”⁸. Essa tradição estóica encontra-se em “Filosofia” de Noel Rosa:

O mundo me condena, e ninguém tem pena, falando sempre mal do meu nome, sem saber, se eu vou morrer de sede ou se vou morrer de fome, mas a filosofia, hoje me auxilia, a viver indiferente assim, nessa prontidão sem fim, vou fingindo que sou rico, pra ninguém zombar de mim, não me incomoda que você me diga, que a sociedade é minha inimiga, pois cantando neste mundo vivo escravo do meu samba muito embora vagabundo, quanto a você da aristocracia, que tem dinheiro mas não compra a alegria, há de viver eternamente, sendo escrava dessa gente, que cultiva a hipocrisia.

O “teatro do mundo” é cena, máscara e hipocrisia. A condenação da riqueza é o núcleo da filosofia estóica, ela faz o homem escravo das aparências e dependente do mundo externo, da bajulação dos outros e de sua própria vaidade. Na canção “Positivismo” de Noel Rosa e Orestes Barbosa, o padrão-libra, dá a medida da invasão do mercado financeiro na vida, a moeda inglesa é condenada porque faz parte do cortejo das vaidades no “teatro do mundo”: “vai orgulhosa querida /mas aceita esta lição/ no câmbio incerto da vida/ a libra é sempre o coração/ vai coração que não vibra/ com teu juro exorbitante/ transformar esta libra/ em dívida flutuante”.⁹ Daí o contraponto entre a pobreza, a prontidão sem fim, a vida ameaçada pela sede e pela fome, por um lado; a aristocracia, a riqueza, pela riqueza, o culto da aparência, a escravização, de outro: “quanto a você, da aristocracia, que tem dinheiro mas não compra a alegria”. A começar pela dependência com respeito ao mercado flutuante das ações, do dinheiro como mercadoria e lucro, ou trabalho alienado que produz, a um só tempo, capital e fetiche. A mercadoria e o dinheiro enquanto mercadoria têm

⁷ SÊNECA. *Lettere a Lucilio*. (Editado por Salvatore Guglielmino). Bologna: Editore Zanichelli, 1971, p.55.

⁸ Este é tematizado pelo estoico grego Epicteto em seu *Manual* e *Encheiridion*. Cf. CURTIUS, E.R., “Metáforas Teatrais”. In: *Literatura européia e Medieval Latino*. Rio de Janeiro: INL, 1957; JACQUOT, J. “Le théâtre du monde de Shakespeare à Calderón”. *Revue de Littérature Comparée*, XXXI, 1957.

⁹ José Marinho credita ao pensamento brasileiro uma forma de *heterologos*, eclético e plural, misturado de incoerências lógicas e divagações metafísicas: “o positivismo correspondia, como nenhum outro sistema filosófico, à tradição escolástica. Portugueses e brasileiros substituíam, então, uma escolástica teológica em nome de Deus e do Céu, por uma escolástica filosófico-científica em nome do homem e da terra. Perante o escolasticismo em nome de Deus e do céu, ou em nome do homem e da terra, acabaria por perdurar uma suspeita contra a autêntica liberdade do espírito e do pensamento”. (Cf. MARINHO, José. *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*. Porto: Lello e Irmão, 1976, pp. 144-145.)

alma e aura, são parte da religião capitalista. Reencontramos o mesmo mote em “Três Apitos” de Noel Rosa:

quando o apito/ da fábrica de tecidos/ vem ferir os meus ouvidos/ eu me lembro de você/ (...)/ mas você anda/ Sem dúvida muito zangada/ E está interessada/ Em fingir que não me vê(..)/ Você que atende ao apito/ De uma chaminé de barro/ Por que não atende ao apito/ Tão aflito/ Da buzina do meu carro(...)/ Você no inverno/ Sem meias vai pro trabalho/ Não faz fé com agasalho/ Nem no frio você crê/ Mas você é mesmo/ Artigo que não se imita/ Quando a fábrica apita/ Faz reclame de você/ Sou do sereno/ Poeta muito noturno/ Vou virar guardanoturno? E você sabe por quê/ Mas você não sabe/ Que enquanto você faz pano/ Faço junto do piano/ Estes versos pra você.

O mundo do trabalho é associado ao “tempo perdido”, à produção industrial, é o do trabalho alienado, durante o qual o trabalhador está “fora de si”, porque perde o sentido do uso de seu tempo e de sua vida. Da mesma forma, a canção “O mundo me condena” critica o dinheiro, segundo o lema, estoicizante, do “dinheiro não traz felicidade”. Assim, em seu *De Vita Beata*, Sêneca delinea vícios e virtudes: o homem virtuoso não se apegar a bens materiais, porque a riqueza é trazida pela fortuna, essa temporalidade incerta que “tudo dá e tira”. Traz infelicidade, dependência, escraviza o homem às aparências, coloca-o fora de si mesmo e sob o poder das coisas. Insensatos são todos os que se prendem a bens exteriores, pois estes não hesitam em misturar com sangue as riquezas que acumulam, matando, difamando, cometendo toda sorte de injustiça. O sábio, diversamente, vive em conformidade com a natureza, com a razão universal; os tolos não fruem da paz interior e sua vida não passa de uma sucessão de infelicidades. Frequentemente iludidos, inconscientes da vida falsa que é a sua, os que amam o dinheiro e bens que só nos chegam pelo acaso, são os mais insensatos, porque nenhuma escravidão é mais vergonhosa do que a “servidão voluntária”. Por isso, a filosofia “hoje me auxilia a viver indiferente, assim”. A filosofia ensina que é sábio quem, em meio às tentações da ambição, não se perturba. A *apatheia* – a impassibilidade, a imperturbabilidade, a indiferença – traduz-se na *tranquillitas* de que fala Cícero, no repouso do espírito que, em seu equilíbrio constante, permite realizar as tarefas da vida. O sábio, o sensato, os que se conformam ao *logos*, conservam a tranqüilidade da alma, mesmo em meio a tormentos e provações, permanecem “impassíveis em meio a ruínas”. Os insensatos, ao contrário, são infelizes, mesmo que seus cofres transbordem ouro. São escravos das aparências, do olhar dos outros e de si mesmos. Por isso, a canção reitera: você “viverá eternamente, sendo escrava dessa gente, que cultiva a hipocrisia”. Quanto ao

narrador, ele sabe tirar proveito do conhecimento que tem das máscaras na sociedade, por isso “vou fingindo que sou rico, pra ninguém zombar de mim”; em um mundo no qual o único valor vigente é o dinheiro e o culto das aparências que ele traz, o eu lírico não confia nem nelas se aliena, pois é o seu senhor. Não é um brinquedo do acaso que distribui cargos e funções.

No mundo antigo, estóicos como Sêneca preconizam a igualdade – entre homens livres e escravos – pois sabem que há escravos livres e homens livres, escravos, escravos das aparências e dos vícios. Recomenda que se tratem bem os escravos:

dirá alguém – escreve a Lucílio – que estou conclamando os escravos para a liberdade e que pretendo derribar de seu fausto os senhores, por ter dito que antes respeitem o senhor do que o temam (...). Não se pode mesclar amor e temor. Julgo, pois, procederes corretissimamente por não quereses ser temido por teus escravos e por empregares como castigo palavras.

Sêneca foi o primeiro pensador a definir o homem como pessoa, à distância da separação essencial entre ser escravo e ser livre inscritos em classes sociais. Se são pessoas, todos são iguais, sejam libertos, livres ou escravos, desde que sejam homens de bem e virtuosos,

podem os homens diferir quanto à idade, sendo um velho e outro jovem; podem diferir quanto ao corpo, sendo um bonito e outro jovem; podem diferir quanto à fortuna: aquele ser rico, este outro ser pobre; aquele poderoso, conhecido nas cidades e nos povos, este desconhecido e obscuro. Mas, pela só razão de serem bons, todos são iguais.¹⁰

Na canção, compreende-se o *topos* de origem estoica: somos, no limite, companheiros de escravatura, pois sobre todos a fortuna – o acaso – tem igual poder. Este motivo estóico, marcado pelo sentido da igualdade, independente de posição social, prestígio, profissão, poder, riqueza, encontra-se no estoicismo, antes de ser incorporado pelo cristianismo¹¹. Se todos somos escravos, é preferível ser “escravo do

¹⁰ SÊNECA. Op. cit., carta 66.

¹¹ Diversos autores indicam os “laços da dependência criados pela prática do favor, relações de compadrio e parentesco”, como Sérgio Buarque de Hollanda em *Raízes do Brasil*, Maria Sylvia Carvalho Franco em seu *Homens livres na ordem escravocrata*, Fernando Henrique Cardoso em *A Teoria da Dependência*. Cf. FAORO, R. *O Triângulo e o Trapézio* e, de Beto Brant, o filme “O Invasor”. A “ciranda de classes” talvez possa ser compreendida no quadro da grande importância que no Brasil se confere aos laços da amizade e ao *oikos*. Seria interessante refletir sobre a possibilidade de um espaço público, cujos laços sociais se constituam pelas categorias do espaço privado, da confiança e da amizade, que não fosse entendido como característica de sociedades “pré-modernas”, mas um modo de refletir sobre a sociedade em termos de comunidade política. Neste sentido é significativa a canção “A Banda” de Chico Buarque. Renato Janine Ribeiro, ao analisar a canção, não a considera

meu samba, muito embora vagabundo”, porque rompe com as convenções e o conservadorismo social que trazem infelicidade: o dinheiro, o trabalho forçado e imposto pela moral vigente que não aceita a ociosidade, tampouco reconhece a dignidade do repouso. Que se recorde que durante muito tempo, trabalhar depois do pôr do sol era considerado imoral. A partir do século XIX, com a introdução da luz elétrica, o dia passou a ter vinte e quatro horas e o trabalho noturno se universalizou.¹² Por isso, na canção a recusa às regras decretadas pela sociedade: “muito embora você me diga/ que a sociedade é minha inimiga/ vou cantando nesse mundo, (...) muito embora vagabundo”. Na canção, o eu lírico opõe o prazer psíquico, espiritual – o da gratuidade da arte – à sociedade que condena o trabalho “improdutivo”; a sociedade é inimiga dos prazeres que não tragam os signos do sucesso material. Estoicizante, a canção revela que o acaso – o da posição social e das riquezas – não tem poder sobre homens livres, pois “bons costumes” – não depender das aparências e dos bens ilusórios – comprazem-se consigo mesmos. Em suas *Cartas a Lucílio*, Sêneca anota o quão insensato é quem julga um homem por seus trajes ou por sua condição social que o encobre como um travestimento: “um é escravo da libertinagem, aquele da avareza, um terceiro da ambição. E todos escravos, igualmente, do medo (...). Inconstante é a maldade: muda muitas vezes, não para melhor, mas para uma nova maldade”. A sociedade é o espaço da lisonja, engendra aduladores e adulados, joguetes uns dos outros e escravos, nesse palco onde tudo é aparência e mentira: máscara. Esta não é erro, falso rosto, mas, antes, dissimulação. Ocupando o lugar do moralista, o cancionista procede ao desmascaramento.

O moralista, ao criticar as convenções sociais e o que elas escondem, denuncia a moral vigente, não por uma gratuidade qualquer, mas por ser ela geradora de infelicidade. Como na canção “Geni e o zepelim” de Chico Buarque: “De tudo que é nego torto/ do mangue e do cais do porto/ ela já foi namorada/(..) a cidade em cantoria/ não deixou ela dormir/ joga pedra na Geni/joga bosta na Geni/ ela é feita pra apanhar/ ela é boa de cuspir/ ela dá pra qualquer um/maldita Geni.” Desmascarando os papéis sociais e seus valores factícios, aponta tanto a máscara quanto o que se

indicativa de um projeto individual. Ela é “a descrição, ou a proposta, ou o sonho, de gente que se irmana, de uma sociedade que se converte em comunidade ao ser atravessada por um sentimento de amor (...). Não sei se é correto falar, nas composições de Chico Buarque, em alegria. A palavra que ele usa mais é felicidade. Só que essa, em contraste com a tradição moralizante da filosofia, consiste numa intensificação dos prazeres, ou do prazer. É uma felicidade alegre, o que curiosamente não é tão comum na tradição do pensamento.” (RIBEIRO, Renato Janine. “A Utopia Lírica de Chico Buarque”. In: CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloísa; EISENBERG, José (orgs). *Decantando a República*. São Paulo: Nova Fronteira/Fundação Perseu Abramo/ Fapesp, 2004, pp. 155-157. Cf também, MATOS, Olgária. “Brasil: a memória em *trompe l’oeil*”. In: *Espaço Brasil, Catálogo Geral*, ano Brasil – França: Carreau du Temple, 2005.

¹² Cf. MATOS, Olgária. “Aufklärung urbana: Paris e a Via-Láctea”, posfácio a: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: Ed. UFMG/ Imprensa Oficial, 2006.

esconde atrás dela, o vício que se quer fazer passar por virtude. No século XIX, La Rochefoucauld escreveu: “o amor da glória, o temor da vergonha, o intento de fazer fortuna, o desejo de tornar a vida cômoda e agradável e a vontade de rebaixar os outros são causa, muitas vezes, do valor que entre os homens tanto se celebra”.¹³ Tal como o moralista, Lamartine Babo retrata o modo de vida de quem gravita em torno dos grandes, convertidos todos em indivíduos passivos e não agentes livres de suas próprias vidas, no tumulto de um sistema de bajulação e falsidade:

Quereis sentir a diferença”, anota Sêneca, “que existe entre nós? Se as riquezas me fogem, elas nada me hão de tirar, a não ser a posse; enquanto que, se vos deixam a sós, ficareis aniquilados. Quanto a mim, as riquezas ocupam um lugar; para vós ocupam o primeiro lugar. Numa palavra, a mim elas pertencem: vós pertenceis a elas.”¹⁴

A hipocrisia associa-se às máscaras, seu lugar de origem é a vida da corte, microcosmo onde o moralista estuda os costumes e as máscaras da sociedade. Por isso, na canção “O Mundo me condena”, o *theatrum mundi* é cenário e encenação, que evoca os moralistas. Que se pense em La Rochefoucauld, suas *Máximas e Reflexões*. Um paralelismo pode ser traçado aqui, entre a vida desse *frondeur*, Príncipe caído em desgraça na corte da Luís XIV, e o herói da canção – o aristocrata e seu sucedâneo, o burguês. O primeiro vive em seu lazer ocioso, o outro do dinheiro e da operosidade; o poeta mal-afamado vive de suas rimas e não se encanta por outras riquezas: “o mundo me condena, e ninguém tem pena, falando sempre mal do meu nome (...). Vou cantando neste mundo, (...) muito embora vagabundo”¹⁵. Quanto a ela “há de viver eternamente, sendo escrava dessa gente, que cultiva a hipocrisia”.

O *theatrum mundi* reaparece na canção de Chico Buarque “Quem te viu, quem te vê”:

you were the most beautiful / of the cabrochas of this wing / you were the favorite / where I was the maître-sala / today the people neither talks / but the party continues / your nights are gala / our samba is still in the street / (...) but I don't know for sure / because it was that one beautiful day / who was playing princess / got used to the fantasy / today I will samba on the stage you will be in the gallery / I want you to attend / in the most refined company / if you feel nostalgia / please don't look / clap your hands with will / for the account that you are a tourist.

¹³ LA ROCHEFOUCAULD. *Máximas e Reflexões*. (Tradução de Leda Tenório da Motta). Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 47.

¹⁴ SÊNECA. *De Vita Beata*, XXVI. Op. cit.

¹⁵ Pode-se aqui aludir ainda às Fábulas de La Fontaine, em particular “A Cigarra e a Formiga”, a formiga previdente e industriosa, “realista” e sem sonhos, a cigarra-artista, cruelmente abandonada, condenada e desprezada por quem acumula bens e desenvolve a avareza.

Palco, máscara, disfarce, mudança de lugares sociais/luta pelo reconhecimento, eis os *topói* do estoicismo e das máximas morais.

Depender das coisas, perder a autonomia e o sentido da vida, quando alienada às aparências, falsos prazeres e equivocadas necessidades, nada mais faz do que aumentar o poderio da fortuna, do acaso, em nossas vidas. A filosofia moral possui uma percepção aguda da contingência das coisas e das circunstâncias, até porque, sabe o moralista, o que nos pertence por natureza não pode ser perdido. Como nos escritos de Sêneca. O filósofo dirigiu o Império Romano sob Nero, cai em desgraça, é condenado à morte e, da prisão, escreve *Consolo a minha mãe Hélvia*. Tão somente o que é obra do acaso se vai. E na canção “Ninguém é de ninguém” de Humberto Silva:

ninguém é de ninguém, na vida tudo passa, ninguém é de ninguém, até quem nos abraça, (...) já tive a sensação que amava com fervor, já tive a ilusão que tinha um grande amor, assim ninguém pensou no amor que eu sonhei e que perdi também, assim vi que na vida, ninguém é de ninguém.

Tal como a riqueza, as demais formas de dependência da fortuna ou do acaso – como o amor – nos faz viver no provisório. Na diferença entre o insensato e a sensatez subjaz a questão de como enfrentar a fortuna. Recorde-se a representação da deusa: Senhora do Mundo, em uma das mãos segura o globo; olhos vendados – porque cega e indiferente aos pedidos dos homens –, na outra uma cornucópia e por isso dispensadora de bens; na cintura o cinto com os signos do Zodíaco e, assim, senhora de nossa sina, agitada como a tempestade, tem o manto enfumado pelo vento; inconstante, tem asas nos pés sob os quais faz girar uma roda e é, pois, justa¹⁶. Como na canção “Positivismo” de Noel Rosa e Orestes Barbosa : “a verdade meu amor mora num poço/ É Pilatos lá na Bíblia quem nos diz/ E também faleceu por ter pescoço /o inventor da guilhotina em Paris”. Inventor da guilhotina, Guillotin foi guilhotinado, o criador devorado pela criatura; em cada volta da roda da fortuna, alguém sobe, alguém desce. Associada ao destino, ela encarna o poder que mostra a todos a condição de ser finito e os limites de nossos desejos, astúcia e vontade. Na *Consolação da Filosofia*, Boécio ensina ser possível esquivar-se de nossa redução a marionetes nas mãos da deusa, quando se busca, na filosofia, consolo e compreensão dos acontecimentos da vida:

¹⁶ A roda é justa segundo a lei da compensação, o padecer é o sentido mesmo do agir. Todo desequilíbrio acarreta uma reparação correspondente. As reviravoltas da fortuna aniquilam o forte, elevam o fraco. Neste sentido Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, lembra que nunca se pode dizer que um homem é feliz, apenas que ele “foi feliz”, pois a qualquer momento pode-se cair do apogeu na penúria, da felicidade na infelicidade. Só a morte transforma uma vida em destino.

você se engana se acredita que a fortuna mudou em relação a você. Mudar é seu procedimento natural, sua verdadeira natureza. Com o simples ato de mudar ela preserva sua forma peculiar de constância com você. Ela era exatamente a mesma quando o elogiava e seduzia com o encantamento de um falso tipo de felicidade.¹⁷

À percepção de um destino inexorável sucede a vanidade da vida, ou melhor, seu absurdo. Absurdo não diz respeito a um mundo inteiramente submetido à necessidade, à determinação absoluta, tampouco ao acaso e à imprevisibilidade. O absurdo provém de que tudo, ao mesmo tempo, é estritamente necessário e privado de necessidade, pois a necessidade que governa o mundo é privada de necessidade. O homem é um escravo sem um senhor, que obedece sem receber ordens. Quer dizer, a necessidade não é nada mais que um acaso incompreensível e que, não obstante, é necessário. Está-se, aqui, em regime filosófico do pessimismo metafísico, tal como Schopenhauer o formulou, a necessidade não é nunca verdadeiramente necessária, ela não é senão um acaso incompreensível que não deixará nunca de ser necessário. A vontade pela qual a necessidade se manifesta é, não apenas incognoscível, mas sobretudo, incompreensível, como na canção: “a minha vida é/ é um segredo/ é um romance e tem/ e tem enredo/ a minha vida foi sonho e foi ventura/ foi lágrima caída/ no caminho da amargura/são nossas vidas/ romances sempre iguais/ três atos de mentira/ cai o pano/ e nada mais”. Além do tema do *theatrum mundi*, a vida como três atos de mentira não significa que a vida seja absurda porque contraditória ou ilusória, mas porque incausada: “durante a infância”, escreve Schopenhauer, “a vida apresenta-se como um cenário teatral visto de longe, na velhice, como o mesmo, visto de perto”¹⁸. A vida não passa de um querer viver cego, é um segredo, é absurda, “é sonho e ventura”, é “lágrima caída no caminho da amargura”. O que há de felicidade é ilusório, a realidade é o sofrimento, as lágrimas. O homem só persegue satisfações decepcionantes, exagerando seu valor real. O homem é o único existente que tem consciência da morte, sem ter feito sua experiência. Ou “a vida é três atos de mentira, cai o pano, e nada mais”! A única realidade é a morte, “angústia de quem vive”.

O mundo é fonte de enganos, ilusões e desilusões, é labirinto sub-lunar; nele tudo é movimento e imperfeição, mentira e descaminho. Ele é uma roda, “um moinho”. Como na canção:

¹⁷ BOÉCIO. *Consolação da Filosofia*, livro I, poema 5.

¹⁸ SCHOPENHAUER, A. *Parerga e Paralipomena, Aforismos*, p. 157. In: _____. *Essai, sur le apparitions*. (Tradução, organização e notas: Auguste Dietrich) Paris: Alcan, 1912.

ainda é cedo amor/ mal começaste a conhecer a vida/ já anuncias a hora da partida/ em pouco tempo não serás mais o que és/ ouça-me bem amor/ a vida é um moinho /vai triturar teus sonhos/ tão mesquinho/ vai reduzir as ilusões a pó/ ouça-me bem, amor/ de cada mar tu herdarás só o cinismo/ quando notares/ estarás à beira de um abismo/ abismo que cavaste a teus pés.

Aqui o conselho, a prudência necessária justamente porque a fortuna, a sorte, pode ser, também, má-sorte, se não vivermos com prudência. Somos responsáveis por nossas ações e decisões. Por isso “quando notares estarás à beira de um abismo/ abismo que cavaste a teus pés”. Cada um é imputável porque sabe que pode causar dano, mas para controlar os desejos cada um necessita de uma auto-educação, educação para resistir aos embates da fortuna volúvel e inconstante. Resistir às vicissitudes da sorte não significa, em registro estóico, reagir contra ela; ao contrário, significa acatar a natureza racional das coisas – o *logos*, a razão universal, lei natural ou Providência divina. A indiferença sábia leva à *tranquillitas*, como na canção de Paulinho da Viola:

não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar, é ele quem me carrega como nem fosse levar; timoneiro nunca fui, que eu não sou de velejar, o leme de minha vida, Deus é quem faz governar, e quando alguém me pergunta, como se faz para nadar, explico que eu não navego, quem me navega é o mar, a rede do meu destino, parece a de um pescador(...), Vivo num redemoinho, Deus sabe o que ele faz, a onda que me carrega, ela mesma é quem me traz.

Eis a aceitação das forças que nos ultrapassam, que não dependem de nós, para haver concordância entre a força inelutável do destino e a razão universal. Sensatez é acolher o *fatum*, natural e necessário, e não a ele resistir; razão pela qual reconhece-se a presença de Sêneca quando escreve a Lucílio: “se aquiesces, de bom grado o destino te levará; se não, serás arrastado”¹⁹. Isso porque “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar, Vivo num redemoinho, Deus bem sabe o que ele faz.” Virtuoso e sensato, o “modo de vida” filosófico não procura opor-se a causas naturais, e sim agir de acordo com elas, querer os acontecimentos e atuar em conformidade com a natureza. “Timoneiro nunca fui, que eu não sou de velejar, o leme de minha vida, Deus é quem faz governar”. Se, para os estóicos, forças naturais produzem acontecimentos necessários, o tempo das ações dos homens é tão necessário quanto o das forças da natureza, já que todos os acontecimentos são

¹⁹ SÊNECA. Op. cit., Carta n. 17.

naturais e possuem causas naturais. Esta causalidade natural necessária chama-se destino. A noção antiga de destino passa a denominar-se, no registro do pensamento judeu-cristão, Providência Divina.

Assim, o homem virtuoso, o não-timoneiro de Paulinho da Viola, deve sua *tranquillitas* a sua vontade, ao querer o que acontece, como acontece e quando acontece. Quanto às paixões humanas, elas se dilaceram em meio à Fortuna, quando somos transportados e agidos por causas externas que nos controlam e que não controlamos por ignorarmos suas razões e origens. Força parasitária, ela não cria o novo mas aproveita-se da força do destino e da providência para dispensar bens ou tirá-los daqueles a quem os concedeu sem motivo ou razão. Por isso o verso: “Meu velho um dia falou/ Com seu jeito de avisar/ – Olha o mar não tem cabelos/ que a gente possa agarrar”. Lembre-se, aqui, a Fortuna é também representada por uma mulher que passa com a cabeleira encobrendo o rosto, de tal modo, que *après-coup*, quando nos damos conta disso e procuramos agarrá-la, ela é careca e assim perdemos a ocasião, o momento oportuno para nosso bem fazer e bem viver, aquele momento antes do qual nada ainda aconteceu e depois do qual tudo já foi perdido.²⁰

E, para a orientação na vida e no pensamento, moralistas antigos e modernos apresentaram sentenças e reflexões²¹. O que se reconhece, em particular, na canção “Bom Conselho” de Chico Buarque:

ouça um bom conselho/ que eu lhe dou de graça/ inútil dormir que a dor não passa; espere sentado, ou você se cansa. Está provado quem espera nunca alcança/ venha, meu amigo/ deixe esse regaço/ brinque com o fogo/ venha se queimar/ faça como eu digo/ faça como eu faço/ aja duas vezes antes de pensar/ corro atrás do tempo/ vim de não sei onde/ devagar é que não se vai longe/ eu semeio ventos/ na minha cidade/ vou pra rua e bebo a tempestade.

É na compreensão do mundo como perigo e risco, em um mundo no qual o presente é contingente e o futuro incerto, em meio à Fortuna e à deriva das paixões que se evocam máximas morais, provérbios, fábulas, parábolas, cujos ensinamentos auxiliavam na arte de viver, comunicados através do tempo pela tradição oral:

o primeiro e verdadeiro narrador foi e permanece aquele da fábula. Onde o conselho era mais difícil, a fábula sabia indicá-lo, e onde a angústia era mais grave, seu auxílio era mais próximo. Esta angústia era a do mito. A fábula informa as primeiras disposições tomadas pela

²⁰ Cf. MAQUIAVEL. *O príncipe*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

²¹ Cf. *Ensaíos*, de Montaigne; *Máximas e Reflexões*, de La Rochefoucauld; La Bruyère, *Máximas*; *Oráculo manual*, de Baltazer Gracian; *Pensamentos*, de Pascal; Leopardi, *Zibaldoni*; Cioran, *Sobre os inconvenientes de se ter nascido*; *Minima Moralia*, de Adorno, entre outros.

humanidade para vencer o pesadelo que o mito Ihe fazia gravar no peito.

Dar e ouvir conselhos requeria transmitir experiências através das gerações, “como um anel”; estórias não eram apenas contadas para serem escutadas, mas para serem seguidas, não como fórmula resolvida, mas como orientação na vida e no pensamento:

aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada.(...) [A verdadeira narrativa] tem sempre em si, e às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.²²

Como nos versos: “ouça um bom conselho”. Para que um conselho seja seguido, é preciso compreender e interpretar os acontecimentos a que ele se refere, com o que tacitamente se recomendava a prudência. Sabedoria prática, ela é experiência que não resulta, esta, de um esforço consciente e deliberado, mas é o que se alcança enquanto se procura outra coisa, pois é um “modo de ser adquirido”, uma “experiência de vida”: “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A sabedoria é o lado épico da verdade”.²³

Para esta filosofia moral e suas sentenças, com seus conselhos e consolações, não procede a distinção entre conhecimento teórico e prático, pois é na ação que se torna manifesto o conhecimento. Colocando-se na linhagem dos moralistas, “Bom Conselho” diz o inesperado. Sua eficácia provém da surpresa. Suas máximas não recomendam, como entre os antigos e modernos, a prudência, mas o excesso e o risco, uma vez que recupera o seu sentido originário, aristotélico, para quem prudência não significava, como para o mundo contemporâneo, abster-se de uma ação, mas, por vezes, agir com presteza e no momento oportuno. Como o moralista, e na seqüência deles, produz máximas transgressivas e, também, enfrenta o perigo. Seus conselhos visam, como no passado, o bem-viver. Em “Bom Conselho” há inversão do esperado. Deste modo, ao “se conselho fosse bom, era de graça”, sucede “ouça um bom conselho, eu Ihe dou de graça”; ao “dormir para ajudar a dor a passar”, segue-se “inútil dormir, que a dor não passa”. “Não faço como eu digo”, “faça como eu faço”, ao “pense duas vezes antes de agir”, substitui “aja duas vezes antes de pensar”, “devagar

²² BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. (Obras escolhidas, vol. I) São Paulo: Brasiliense, p. 200.

²³ BENJAMIN. Op. cit., p. 200-201.

é que se vai longe” versus “devagar é que não se vai longe”. A eficácia do conselho encontra-se no efeito-surpresa que rompe o torpor dos hábitos mentais e a preguiça do pensamento. Para isso, Chico Buarque opera por condensação de provérbios : “quem semeia ventos, colhe tempestades” e “fazer tempestade em um copo de água”, o que resulta em “eu semeio ventos, bebo a tempestade”, “quem espera sempre alcança”, “está provado, quem espera nunca alcança”. Provérbios são formas concisas de uma sabedoria consagrada pela autoridade do tempo. Neste sentido, a canção, ao inverter a sabedoria popular – e de maneira mais essencial – dá continuidade à tradição moralista do conselho.²⁴ A atitude moralista retira sua força de uma natureza humana capaz de se formar com regras e reconhecê-las, criando valores e escolhendo o melhor.

Desejos naturais mas não necessários, desejos não naturais e não necessários – para nos valermos da denominação dos antigos, como Platão, Aristóteles e Epicuro – são a causa maior dos desregramentos humanos, o que procede da própria condição humana, inexplicável e contraditória. A percepção de nossa incoerência encontra-se na canção “Aos pés da Santa Cruz”: “aos pés da Santa Cruz, você se ajoelhou/ em nome de Jesus um grande amor você jurou/ jurou mas não cumpriu, fingiu e me enganou, pra mim você mentiu, pra Deus você pecou /o coração tem razões/ que a própria razão desconhece/ faz promessas e juras/ e depois esquece”²⁵. É de Pascal esta formulação. A razão é competente para conhecer verdades na

²⁴ Provérbios assentam-se em uma experiência transmitida e, como ensinamento prático. A modernidade, refratária a experiências e conselhos, só conserva deles a fórmula de um saber estereotipado. Antonio Candido chama a atenção para outros aspectos presentes nos lugares-comuns e nos provérbios: “(são eles) modos de petrificar a língua, de confinar seu dinamismo a um código imutável, cuja principal função é eliminar a surpresa e, portanto, a abertura para novas experiências. Eles formam um sistema coeso, na medida em que o provérbio é na verdade um lugar-comum elevado pela repetição a um alto grau de formalidade” (“O Mundo Provérbio”, in *Língua e Literatura*, n. 1, São Paulo, 1972). Adélia Bezerra de Menezes, ao analisar “Bom Conselho” indica o quadro de referência do contra- provérbio: “o provérbio, em sua forma original, significa a consagração de usos e costumes que se impõem a todos e, assim, num certo sentido, postula a anulação da iniciativa pessoal, a recusa do pensamento e do ato individual(...). Isso é provado, no plano estilístico, pelo de pronomes indefinidos (“Quem semeia ventos”, “Quem espera sempre alcança”) ou particulas de indeterminação do sujeito (“Devagar é que não se vai longe”)(...). Os provérbios são, em última instância, um convite inércia e ao conformismo, receitas tranquilizantes e pacificatórias, reflexões padronizadas que mascaram uma situação em que interessa manter-se o *status quo*. Com efeito, é o “lugar comum”, o provérbio, o dito popular, no fundo, que constroem o ideário popular, feito de recorrências e fatalidades – que levam à aceitação acrítica de qualquer situação, à manutenção da ‘ordem’, no limite do imobilismo” (*Poesia e Política em Chico Buarque*, Ateliê editorial 2002, p.192-190-191).

²⁵ Cf. PASCAL, B. *Pensamentos*, fragmento 277. (Trad. Sérgio Milliet). São Paulo: Abril Cultural, 1973, p.111. Pascal reflete sobre a condição trágica do homem, cuja raiz encontra-se no mistério divino a respeito do destino do homem na obra da criação. Pelo coração, o homem abre-se ao Sobrenatural, à *caritas*, a Deus. Geometria – para o conhecimento na Ciência, leva ao delírio da crença em se encontrar todo o mecanismo explicativo da natureza no exterior; ou finura (*finesse*) – para o conhecimento moral – induz à cegueira de ser tomado pela paixão de encontrar em si mesmo sua razão de ser; ambas não resolvem o drama do homem insuficiente: “o homem ultrapassa infinitamente o homem”. Em um mundo da contingência, da desproporção entre o infinito e o nada, o coração é o órgão que abre ao Sobrenatural, à gratuidade da Graça”. Cf. PONDÉ, Luiz Felipe. *O Homem insuficiente: comentários de antropologia pascaliana*. São Paulo: Edusp, 2001.

Ciência e na moral, ela é “*esprit géométrique*” ou “*esprit de finesse*”. Mas para o conhecimento das verdades do coração, é preciso:

que o homem, voltado para si próprio, considere o que ele é diante do que existe; que se encare como um ser extraviado neste canto afastado da natureza, e que, da pequena cela onde se acha preso, isto é, do universo, aprende a estimar em seu valor exato a terra, os reinos, as cidades e ele próprio. Que é um homem dentro do infinito? (...). Afinal, o que é o homem dentro da natureza? Nada em relação ao infinito; tudo em relação ao nada; um ponto intermediário entre tudo e nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas como o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve.²⁶

O coração tem razões que a própria razão desconhece porque a racionalidade científica constrói regularidades, controla expectativas, funciona de maneira previsível; já o homem não se ajusta ao controle nem à ordem. Como diz a canção “Positivismo”: este tem o “amor por princípio/ a ordem por base/ o progresso é que deve vir por fim/ desprezaste esta lei de Augusto Comte /e foste ser feliz longe de mim”. Para o timoneiro positivista, a navegação é a arte da precisão – com seus sextantes, octantes e bússolas domina os mares. Para Paulinho da Viola e para Noel Rosa o positivismo não soluciona o enigma da vida: “viver não é preciso”. Viver é indeterminado, porque o presente contingente e em um futuro incerto. Incerteza levada ao excesso no abismo que é a existência para Pascal. Assim como para o filósofo há verdades da razão e verdades da fé, a canção também as considera: “aos pés da Santa Cruz, você se ajoelhou/ e em nome de Jesus/ um grande maior você jurou /jurou mas não cumpriu/ fingiu e me enganou/ pra mim você mentiu /pra Deus você pecou/ o coração tem razões/ que a própria razão desconhece/ faz promessas e juras/ e depois esquece.” Em meio a nossa natureza incoerente e inconstante, é que se fazem promessas e juramentos, associados estes, na canção, ao divino, aquelas ao profano. O que para Deus é pecado, no homem corresponde à mentira. Mentir não é só trair uma promessa; de forma mais essencial ela diz respeito à indeterminação do futuro e à aporia que lhe é interna, pois, uma promessa deve ter a possibilidade de ser mantida e, assim, não ser uma promessa, ela não tem nada de “programático”: “o ato de prometer cria entre duas (ou mais) pessoas, um laço em que uma se compromete a submeter uma certa duração de seu futuro a uma obrigação, ao mesmo tempo em que

²⁶ Cf. PASCAL, B. *Pensamentos*, fragmento 72. (Trad. Sérgio Milliet). São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 55-56.

credita ao outro uma espera que tem força de reivindicação legítimas”.²⁷ A promessa promete o impossível pois quando se faz o que se pode fazer, a promessa é tão somente a explicitação de possíveis que já estão presentes e contidos em nós. A promessa em sentido enfático significa fazer algo mais forte do que nós, maior de que nós, quando excedemos nossas possibilidades: “o coração tem razões/ que a própria razão desconhece/ faz promessas e juras/ e depois esquece” associa a promessa ao esquecimento, esquecimento que não é psicológico, mas antropológico, diz respeito à precariedade de nossa condição, a nossa natureza “decaída” e contraditória, em termos pascalianos, ao pecado.

O mundo é um teatro de sombras, um labirinto de incertezas, cuja deriva maior é a ausência de Deus. É no horizonte de uma aposta, apostar em sua existência com certeza para ganhar com incerteza, que concorre o coração, nessa “esperança matemática” da Graça. Se o coração tem razões que a própria razão desconhece, não é possível explicá-las pela “carne” ou pelo espírito. Seria confundir a ordem da “carne” (na qual dominam a ciência e os Grandes deste mundo, os reis e seus chanceleres) e a ordem da caridade (onde essa grandeza é nada). A vaidade humana pretende demonstrar, por exemplo, que devemos ser amados, confundindo a grandeza natural ou a social – que são nada – e a grandeza sobrenatural: “o coração”, escreve Pascal, “tem sua ordem, o espírito a sua, que é por princípio e demonstração (...). Não se pode provar que devemos ser amados expondo por ordem as causas do amor; seria ridículo”.²⁸ A canção “Aos Pés das Santa Cruz” não cai nele, aceita a insuficiência de nossa humana condição de desamparo no mundo sem Deus.

A filosofia em suas máximas e sentenças aproxima-se da não-filosofia. Epicteto, não buscava formar homens eruditos mas sábios. Para o estóico, não se trata de construir um sistema doutrinário, mas de prover-se intelectualmente para enfrentar todos os acontecimentos da vida. Exigia alunos modestos e ignaros, para progredir na filosofia. Requeria, ainda, que fossem puros de intenção para refazerem-se e preparar-se para uma vida verdadeiramente livre. Por fim, aconselhava serem todos pacientes, um filósofo não se forma em poucos dias ou escassas semanas. A filosofia estóica não pede, necessariamente, um interlocutor-filósofo. Propondo-se a ser *pharmakon*, esta sabedoria prática, reencontrada na canção popular, não concorre com *Discursos do Método* ou *Críticas da Razão*, como o racionalismo filosófico e científico, por um lado, como a metafísica laica, de outro. Na fronteira da filosofia

²⁷ Cf. CREPON, Marc. “Questions à Jacques Derrida”. In: *La Philosophie au Risque de la Promesse*. Paris: Ed. Bayard, 2004, p.191.

²⁸ PASCAL, B. *Pensamentos*, frag. 298-283, op. cit.

moderna, dentro e fora dela, encontra-se, em nossas canções, um “logos heterodoxo que lê nas entrelinhas das *sofias*, e nas esquinas faz poesia”.²⁹

© 2021 Olgária Matos. Esse documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR).

²⁹ Cf. VARELA, Maria Helena. *O Heterologos em Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1995, p.28.